

PERSPECTIVAS: UMA WEB SÉRIE RADIOFÔNICA¹

Anne Beatriz Gonçalves COSTA²

Amanda Torres PINHO, Ana Caroline FADEL, Felipe Jailson Souza Oliveira FLORÊNCIO, Jhonnatan Pablo Roxo AZEVEDO, Joice Ribeiro da COSTA, Landara Serrão MENDES, Manuella Viera REALE, Marília Jardim de FIGUEIREDO, Mayara de Nazaré Tavares Cardoso de ALBUQUERQUE, Paloma Neves WILM³

Netília Silva dos Anjos SEIXAS⁴

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

O programa Perspectivas é uma série radiofônica que conta histórias do cotidiano de jovens e de assuntos polêmicos da atualidade, como homossexualidade, gravidez na adolescência e aborto. A série tem três episódios que podem ser veiculados em momentos diferentes na programação da rádio: diariamente ou semanalmente, por exemplo. O projeto foi desenvolvido pelos alunos da turma de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, no 4º semestre da graduação, sob a orientação da professora Netília Seixas, no Laboratório de Radiojornalismo - módulo Produção de Programas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; rádio; série; laboratório.

1. INTRODUÇÃO

A série Perspectivas tenta abordar de maneira informal e mais próxima dos jovens alguns assuntos atuais da juventude e que eram tabus poucos anos atrás e que, mesmo com o avanço da sociedade, continuam sendo um ponto delicado em conversas, como homossexualidade, gravidez na adolescência e aborto. Abordando essas temáticas, pretende-se estabelecer uma relação de identidade entre o cotidiano dos jovens da referida radionovela e dos jovens do século XXI.

Para tornar a discussão mais íntima e personificada, nos utilizamos de recursos da radionovela, dando vida aos personagens e às situações por eles vividas, que poderiam acontecer com qualquer jovem. McLeish (2001, p. 179) diz que “uma história pode oferecer a estrutura para a compreensão – ou pelo menos para a interpretação – dos eventos da vida”.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Programa Laboratorial de Radiojornalismo (conjunto/ série).

² Aluna líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Email: annebeatrizgc@gmail.com

³ Coautores do trabalho e estudantes do 5º. Semestre do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Emails: atorrespinho@gmail.com, anacarolinefadell@gmail.com, felipe_jailson@yahoo.com.br, pabloazevedo@ymail.com, johiceribeiro@gmail.com, landararock@hotmail.com, manureale@gmail.com, marilia_jardimf@yahoo.com.br, mayalbuquerque22@gmail.com, palomawilm@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: netilia@uol.com.br

Tentamos também destacar a importância das escolhas e atitudes tomadas frente a problemas e situações delicadas. O nome do programa, “Perspectivas”, faz relação com o ponto de vista, a perspectiva de cada pessoa frente a alguma situação.

Segundo John Sullivan (*apud* BARBOSA FILHO, ano 2003, p.52), “os gêneros são paradigmas dinâmicos, e não listas formuladas”. Por isso, optamos por denominar o nosso produto como uma *web série radiofônica*, já que o produto teve o primeiro contato com o público pela Internet⁵ e só depois é que foi para o rádio.

O processo de aprendizagem envolveu toda a equipe, desde a definição dos temas dos episódios, elaboração do roteiro, gravação e edição, pois toda a equipe participou, em maior ou menor grau, de todas as etapas de produção.

2. OBJETIVO

A série visa discutir os assuntos que estão presentes, sobretudo, no cotidiano dos jovens, de maneira informal, em uma relação horizontal – jovem falando para jovem – sem uma aparência educativa ou científica. O programa é direcionado principalmente a estudantes de ensino médio e universitários, que poderiam se identificar com as personagens e situações ali retratadas: amigos, familiares, estudos e relacionamentos afetivos.

De maneira leve e de fácil compreensão, o programa “Perspectivas”, buscou promover uma aproximação entre os jovens personagens da referida radionovela e os jovens que a escutam. Através de temáticas que compreendem o cotidiano dos jovens do século XXI, o programa mostra os dilemas e experiências vividas por essa juventude. Tais experiências fazem parte da construção social do indivíduo.

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*⁶, e vê-la como um processo em andamento. Identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006. p. 39).

McLeish (2001, p. 16) afirma que o rádio fala para cada indivíduo e que “é muito mais algo pessoal, que vem direto para o ouvinte”. Ao se deparar com uma vida semelhante a sua e de seus conhecidos, o ouvinte se identificará e se apropriará daquilo que está sendo dito.

⁵ No *blog* www.perspectivasufpa.blogspot.com.

⁶ Grifo nosso.

O objetivo era produzir um programa para o conteúdo Produção de Programas de rádio para o Laboratório de Radiojornalismo e o Perspectivas surgiu como uma maneira de resgatar um programa do gênero radionovela, também como forma de apresentá-lo às gerações que não tiveram oportunidade de conhecer esse tipo de programa.

3. JUSTIFICATIVA

A importância de discutir esses assuntos vem da possibilidade de serem situações e conflitos que podem acontecer a qualquer pessoa. O programa ilustra diferentes formas de lidar com essas situações e que resultados as decisões podem ter.

Uma história pode oferecer a estrutura para compreensão – ou pelo menos para a interpretação – dos eventos da vida. Em geral funciona como um espelho em que podemos ver a nós mesmos – nossas ações, motivos e defeitos. *As consequências e resultados podem contribuir para o nosso próprio aprendizado.*⁷ (MCLEISH, 2001. p. 179).

As histórias retratadas na série *Perspectivas* foram criadas com a intenção de chamar a atenção dos jovens sobre problemas e complicações que podem aparecer em várias situações semelhantes em suas vidas. Como diz McLeish (2001), podemos ver a nós mesmos nas histórias, como num espelho, por isso os jovens podem se identificar com os personagens e aprender com eles.

A série não gerou aprendizado somente para os ouvintes, mas também para todos os que participaram de sua produção. Ao construir o programa, todos os alunos envolvidos aprenderam como fazer uma radionovela, desde fazer testes de voz para os personagens, roteiros dos episódios, até a própria edição.

O rádio dispensa todo o aparato comum nos meios visuais (câmera, luzes e outros recursos). Com uma estrutura mínima, trabalha-se no meio – o que abre precedentes para que pessoas não especializadas se aventurem na arte de ‘fazer’ rádio. (BARBOSA FILHO, 2003 p. 47)

Nós, como estudantes em processo de aprendizagem nos aventuramos na arte de produzir este programa. Por ser um produto de laboratório, foi uma experiência muito enriquecedora, desde a hora em que precisamos desenvolver a ideia para começar o projeto, onde buscamos inspiração no radioteatro da década de 1930, até a hora de realizar as etapas do processo. Aprendemos a como nos portar em frente a um microfone, a identificar erros e

⁷ Grifos nosso.

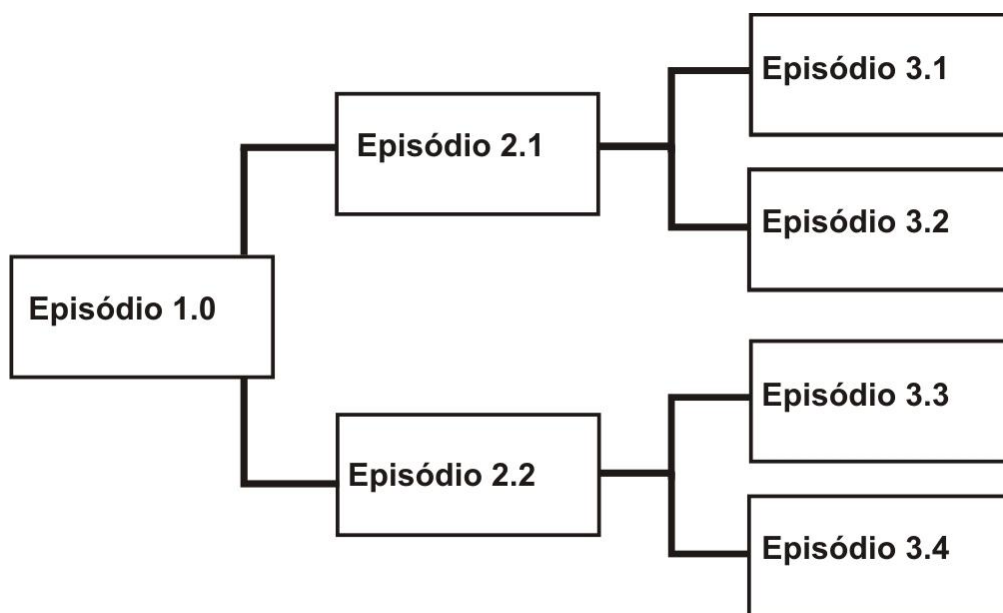
dificuldades mais comuns a todos durante as gravações, a selecionar as melhores partes e editar o áudio para fechar os episódios.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O programa foi produzido no Laboratório de Radiojornalismo, durante o módulo de Produção de Programas e foram decididos, primeiramente, quais assuntos seriam abordados em cada episódio da série. Ao listar, por experiências e vivências próprias, quais assuntos eram comuns e possíveis de acontecer com os jovens de hoje, optamos por abordar temas sobre gravidez na adolescência, aborto, homossexualidade e divisão de classes sociais.

Foi enfatizado por nossa orientadora que os assuntos deveriam ser cotidianos, situações que poderiam ocorrer conosco, correspondentes à nossa realidade, e que a linguagem utilizada deveria estar de acordo com a que nós usamos no dia a dia.

Outra ideia importante foi destacar para os ouvintes que suas escolhas importavam e que, a cada atitude tomada, algo seria diferente. Sendo assim, foi feito um esquema em o ouvinte é capaz de montar a própria história onde havia um episódio piloto e, no final desse episódio, o protagonista precisaria fazer alguma escolha importante. Eram criados os episódios para cada uma dessas escolhas, tendo também, cada um desses episódios, mais dois possíveis desfechos. Ao todo foram produzidos sete episódios, constituindo-se em quatro possibilidades de finais diferentes.



Para fazer essa escolha e estabelecer o contato mais direto com o ouvinte, foi criado um *blog*⁸ onde os episódios foram disponibilizados virtualmente e o público responderia a uma enquete, ao final de cada episódio, sobre o encaminhamento que desejava dar para a história. A versão da história que foi escolhida para ser contada, com três episódios, seria aquela a ser veiculada na rádio Web UFPA. O episódio piloto, sendo o mesmo para todos, não mudaria. O segundo episódio ganhou com 55% dos votos e o terceiro, com 75%, ou seja, a sequência episódio 1.0 > episódio 2.2 > episódio 3.3 foi a escolhida na votação do *blog*, assim, estava escolhida a versão da história preferida do público, aquela que seria veiculada na rádio.

Para realizar a produção do programa, dividimos funções de direção, roteiro, edição e, é claro, o próprio elenco. Para a escolha do elenco, todos os alunos da equipe fizeram testes para os papéis principais, para ser escolhido, além da dicção e do tom de voz, quem se encaixava melhor na personalidade desejada para cada um dos personagens, já que a voz é essencial para que o ouvinte crie a imagem do personagem na sua mente.

Ao passo que nos meios audiovisuais o telespectador conta com som e imagem, no rádio a única arma é a voz, a fala. Isso, fatalmente, desperta a imaginação do ouvinte que logo irá criar na sua mente a visualização do dono da voz ou do que está sendo dito [...] Por tratar-se de um meio “cego”, a sua linguagem estimula a imaginação, envolve o ouvinte, convidando-o a participar da mensagem por meio de um “diálogo mental”. (BARBOSA FILHO, 2003 p. 45)

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Por ser um produto experimental, não se teve uma preocupação tão grande com a duração dos episódios em ser a mesma: o importante seria contar a história, discutir os temas e passar a mensagem desejada. Sendo assim, o primeiro episódio, em sua versão completa, com vinheta de abertura e créditos finais, tem 4’36”. O segundo episódio tem 6’46” e o terceiro, 8’14”.

Os personagens principais são quatro: Marcelo, Bianca, Mariana e Fabrício. Todos são estudantes universitários e relacionam-se entre si, mesmo tendo características bastante diferentes, tanto de personalidade quanto de classes sociais.

Além das vozes e da atuação dos atores, a trilha sonora também contribui para a construção da narrativa, tendo um ritmo mais lento em cenas calmas, românticas, e sendo mais tensa durante cenas de discussão por exemplo. Outro ponto importante são os efeitos sonoros, a sonoplastia, que, para, Barbosa Filho (2003), serve para ajudar na composição do ambiente.

⁸ www.perspectivasufpa.blogspot.com

Os *produtos sonoros reconstruídos* surgem com a possibilidade de alcançar a retenção do registro sonoro. Assim, são os que se originam de *produtos sonoros naturais* e *criados* de origem mecânica e que podem ser fixados em qualquer base por meio do processo de gravação e depois reproduzidos com as mesmas características. São, portanto, manipuláveis.⁹ (BARBOSA FILHO, 2003. p. 72).

Portanto, a utilização desses produtos sonoros reconstruídos são bastante utilizados no *Perspectivas* e são essenciais para construir uma imagem para o ouvinte. As cenas, na série, são descritas por meio dos sons que as envolvem, desde toques de campainhas, telefones, portas, de digitação do teclado até sons ambiente, como nos corredores da universidade e no trânsito engarrafado.

McLeish (2001) diz que uma assinatura musical serve para distinguir o programa do anterior, como sinalizador, e também deve evocar o conteúdo do programa. Tendo em vista isso, o *jingle* de abertura do programa foi criado por um colaborador¹⁰ do trabalho, estudante de Publicidade e Propaganda da UFPA, e fala sobre a possibilidade de fazer escolhas diante das situações, cada uma levando a um resultado diferente.

“Cada escolha sua tem um resultado, escolha as suas cartas, jogue os seus dados, mas se der errado, dê a cara à tapa. Toda situação tem um novo olhar, a vida é breve e deve ser vivida em várias cores, formas e perspectivas. Perspectivas, o final é você quem diz.”

Outro ponto marcante na construção do texto dos episódios é a utilização do pronome da 2ª pessoa do singular, o *tu*, e o verbo conjugado na forma correspondente. A utilização da 2ª pessoa do singular de forma correta é característica do modo de falar paraense, de modo geral, sem diferença entre classes. Essa utilização, embora possa parecer um tipo de regionalismo para quem é de fora do estado, é algo previsto na norma culta da Língua Portuguesa.

O estranhamento vem do fato de que a maioria da população brasileira utiliza o *você* para se referir à segunda pessoa do singular e essa utilização acabou sendo tomada como a exemplar no português. Na obra *Moderna Gramática Portuguesa*, Evanildo Bechara (2009, p. 51) afirma que “quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto”. A escolha desse modo de falar como o eleito se deve a motivos históricos e sociais, já que esse é o modo característico de falar do eixo Rio-São Paulo e esses foram os lugares com maior industrialização e desenvolvimento no país, lugar onde os grandes meios

⁹ Grifo nosso.

¹⁰ Edvaldo de Almeida Pinto colaborador do trabalho e autor do *jingle* é estudante do 5º. Semestre do curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade. Email: edgeveniale@gmail.com.

de comunicação de massa se instalaram e, de lá, espalham o modo de falar para todo o restante do país.

Os falantes dessas diversidades, por motivações política e cultural, tendem a procurar, graças a um longo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas. (BECHARA, 2009. p. 50-51).

Entende-se, assim, o *tu*, como a “variedade regional” citada por Bechara e que representa, em nosso trabalho, não só um diferencial, mas também uma característica própria e peculiar de nossa região.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolhas que permeiam a vida dos jovens são diversas. E foi também por meio de escolhas que demos corpo à ideia deste trabalho. Optamos por temas que possibilitassem alguma discussão e por meio da radionovela buscamos a representação de jovens que pudessem estar inseridos nessas situações, adotando uma leitura diferenciada a temas relativamente recorrentes.

Durante a elaboração do trabalho, buscou-se retratar temas e assuntos plausíveis aos jovens que tínhamos como público alvo – universitários e alunos de ensino médio. O próprio direcionamento do trabalho se deu a partir do que considerávamos pertinente em nossos círculos de amizades, optando sempre por temas e linguagens que aproximassem ouvinte e produto, facilitando assim a identificação dos jovens com a série, o que nos levou a retratar gravidez na adolescência, aborto, homossexualidade e diferença entre classes sociais.

Outro fator relevante, no que concerne à identificação, trata-se da escolha pela conjugação na segunda pessoa do singular, o *tu*. Essa é a linguagem utilizada pelos jovens paraenses tanto entre si quanto em casa, com seus pais. Tal escolha se deu naturalmente, por se tratar da forma como falamos e por acreditarmos que ela representa o nosso falar cotidiano, algo característico da linguagem do rádio que, antes de mais nada, utiliza-se da língua culta associada ao falar cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed., rev., ampl., e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 2006.

MCLEISH, Robert. **Produção em rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.